

CANAL; MARINA FIUZA¹, WOLF; Aline Epiphany², SILVERIO; Kelly Cristina Alves³, SANTOS; Aline Oliveira⁴, BRASOLOTTO; Alcione Ghedini Brasolotto⁵

RESUMO

Introdução: A maioria das pessoas transgênero recorre aos serviços de saúde em busca de uma congruência entre corpo e identidade. A identificação do gênero pela voz pode ser uma dificuldade enfrentada por estes indivíduos durante o processo de hormonização ou transição. Uma das características vocais típicas da voz feminina é a soproisidade e existem poucas informações na literatura sobre esta característica em vozes de homens e mulheres transgênero. Portanto, há a hipótese de que a soproisidade pode ser diferente em pessoas cis e transgênero e pode ser relacionada à percepção de gênero. A soproisidade é identificada de forma perceptivo-auditiva, porém recentemente foi desenvolvido um índice promissor para identificação deste parâmetro, o Índice Acústico de Soproisidade (ABI). **Objetivo:** Comparar os valores dos indicadores acústicos e perceptivos da presença de soproisidade em homens e mulheres cis e transgênero, bem como entre as vozes destas pessoas julgadas como femininas ou masculinas. **Métodos:** Este estudo retrospectivo e transversal, aprovado pelo CEP (4.937.140), analisou gravações de vogal /a/ sustentada de 115 pessoas, 21 homens cis (HCIS), 31 homens trans (HT), 31 mulheres cis (MCIS) e 32 mulheres trans (MT), maiores de 18 anos de idade. Uma juíza especialista em voz realizou a avaliação perceptivo-auditiva das amostras aleatoriamente, a qual consistiu na classificação de gênero (feminina ou masculina) e determinação do grau de soproisidade, por meio da escala analógica visual de 100mm, sendo a extrema à esquerda correspondente à ausência e na extrema à direita, sua presença em grau máximo. Extraíu-se o ABI, por meio do software PRAAT (6.1.16). Os resultados foram comparados entre os quatro grupos e entre as pessoas cujas vozes foram identificadas como feminina ou masculina. Foram utilizados os testes ANOVA, Tukey e t de Student ($p < 0,05$). **Resultados:** As médias de soproisidade para os distintos grupos foi HCIS=10,0; MCIS=11,4; HT=14,7; MT=11,5, sem diferença significativa ($p = 0,114$). O ABI médio dos HCIS (0,97) foi menor do que para as MCIS (1,95; $p = 0,044$) e do que para os HT (1,78; $p = 0,009$). HCIS e MCIS foram identificados pelo gênero que se identificam em 100% das amostras apresentadas. O mesmo não ocorreu para homens e mulheres transgênero: 45,2% HT tiveram a voz percebida como feminina e 59,4% MT como masculinas. Ao considerar apenas os HT+MT, o ABI foi mais elevado para as pessoas que foram percebidas como mulheres (2,43) do que como homens (1,34) com $p = 0,024$. O valor da soproisidade não apresentou diferença significativa entre as pessoas percebidas como homens ou mulheres ($p = 0,711$). **Conclusão:** A hipótese do estudo foi confirmada, uma vez que a soproisidade ocorre de maneira distinta entre homens e mulheres cis e transgênero e entre pessoas julgadas como homens e mulheres. Ressalta-se que a soproisidade pode ser melhor compreendida usando índices acústicos multiparamétricos. Os resultados indicam que, mesmo quando homens trans são submetidos ao uso da testosterona e passam por modificações vocais, ainda permanecem com a passagem de ar transglótica característica feminina à fonação. Tais conhecimentos contribuem para abordagens de aprimoramento vocal desta população e, conseqüentemente, maior satisfação e efetividade da comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Qualidade Vocal, Acústica da voz, Pessoas Transgênero

¹ Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo – FOB-USP, marinafiuza7@usp.br

² Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP) da USP, alinewolf@fmrp.usp.br

³ Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo – FOB-USP, kellysilverio@usp.br

⁴ Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo – FOB-USP, aline.oliveira@usp.br

⁵ Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo – FOB-USP, alcione@usp.br

¹ Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo – FOB-USP, marinafiuza7@usp.br
² Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP) da USP, alinewolf@fmrp.usp.br
³ Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo – FOB-USP, kellysilverio@usp.br
⁴ Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo – FOB-USP, aline.oliveira@usp.br
⁵ Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo – FOB-USP, alcione@usp.br